

ao santo, ama diversamente, segundo as suas qualidades e o grau de perfeição que haja atingido. Com a ascensão do tipo, transforma-se a expressão do amor, que é a maior força do universo. Presente sempre em todas as altitudes, suas funções, desde a mais simples, nos seres inferiores, a de multiplicar a espécie, se enriquecem e complicam, pela quantidade de encargos novos, se desenvolvem pela amplitude da ação. *A fêmea se transforma em mulher e o macho em homem.* A atração sexual se acresce do amor materno que se diferencia e enriquece das formas de amor paterno, filial, familiar, nacional, humanitário, até ao altruísmo, até á abnegação, até ao martírio. *A mulher se transforma em anjo e o homem em santo.*

Nessa ascensão do amor, ha uma continua reabsorção do impulso socialmente desagregante do *egoísmo* e uma emanção que o substitue pelas forças socialmente construtivas do *altruísmo*. A função do amor é criar, conservar, proteger e o seu desenvolvimento exterioriza e intensifica todas as defesas de uma vida cada vez mais complexa. Não são um sonho esteril essas ascensões; contêm, ao contrario, a genese das forças de coesão do organismo unitario da futura sociedade humana. Altruismo necessario num mundo mais evolvido, se bem possa parecer utopia, hoje, quando, muitas vezes, ainda constitue um esforço a só extensão do altruísmo ao restrito ambito familiar. Reabsorção do egoísmo pelo amor, inversão de impulsos, que mais não é do que um tempo do processo de inversão das forças do mal em forças do bem, da dor em felicidade. O egoísmo é restritivo, o seu separatismo o isola e lhe limita as satisfações. A ascensão do amor o transforma, por expansão continua, numa sempre maior capacidade de gozar. Nos gozos dependentes do meio denso da materia, ha qualquer coisa que se cansa e gasta, pelos atritos, mais rapidamente do que nos gozos livres do espirito. Este abre os braços ao infinito e tudo possui, sem pedir mais.

Que amplitude nova não darão á vida as mais elevadas paixões, que finura e profundeza de gozos não possuirá o homem futuro, que de certo olhará com horror para os brutais prazeres dos sentidos, como agora os concebeis! Que doce melodia não será a vida, fusionada na harmonia do universo! A paixão se desmaterializará até ao superamor do santo, real e elevadissimo gozo, fenomeno, não assexual, mas supersexual, tendendo para o seu termo complementar, que se encontra além da vida, no seio das forças cósmicas. Na solidão dos imensos silencias, o santo ama, com a alma hipersensível voltada e aberta para todas as vibrações do infinito, num arroubo impetuoso e frenetico, para com a vida de todas as criaturas irmãs. Se ele vos parece isolado, é que está com o Invisível, para o qual estende os braços, no extase de um supremo e vastissimo amplexo. Alguma coisa do imponderavel lhe responde,

o inflama, nutre e sacia. Num incendio, que reduziria a cinzas qualquer sêr comum, se abraza o amor que abarca o universo. Num misterio de sobrehumana paixão, o Cristo abre aflito os braços na Cruz e S. Francisco abre os braços ao Cristo.

LXXXIII — O superhomem.

Acompanhámos o homem nas suas ascensões, pelas sendas do trabalho, da renúncia, da dor, do amor, convergentes todas para a sua maturação biologica e para a sua transformação em superhomem. No ápice da evolução que estamos seguindo, desde os mais baixos estados da materia, é este o novo sêr que o amanhã gerará. A sua criação é hoje a mais alta tensão da vida, é a vossa fase *α*. Chegamos, finalmente, ao apice do que podeis conceber. Que é o superhomem? As suas sensações, seus instintos demonstram, no estado de aquisição realizada, as qualidades que no homem comum ainda se acham em estado de formação. As virtudes entrevistas como ideais, os superconceitos, para cuja conquista, no campo moral e intelectual, a normalidade trabalha com esforço, estão definitivamente assimilados e proximos da zona de estabilização do instinto. O superhomem, seja ele poeta, artista, musicista, sabio, filosofo, herói, chefe, santo, seja, principalmente, um intelectual que desenvolva as forças do pensamento, um dinamico da vontade e da ação, ou um místico, que cria no campo do sentimento e do amor, é sempre, no impeto da sua fecundidade, um tipo de superconsciência e, na sublimação da sua personalidade, um genio. E' o *supertipo do futuro*, uma antecipação das metas humanas. A sua zona de vida, onde se efetua o seu labor construtivo, está situada no inconcebível. Os normais podem passar a vida sem jamais cogitarem do espirito: para o genio, este é a mais intensa realidade da vida. Resultado de imenso labor no tempo, ele sintetiza os mais altos produtos da evolução e da raça, mas está só e o sabe. Move-se numa dimensão conceptual que lhe é propria, que só os seus semelhantes compreendem. Descido dos céus, é um exul na terra, ou em sofrimento, ou em missão, e sonha com a patria distante. Não segue os trilhos batidos; sabe estabelecer relações entre factos e idéias que os outros não vêem; é um supersensitivo que alcança a verdade imediatamente, por intuição; nada tem que aprender, mas recorda e revela. Esta emersão da consciencia normal, que se acha numa sua atmosfera rarefeita, esta antecipação de evolução, as mais das vezes, só tardiamente são compreendidas.

No vosso mundo, está, distanciadissima dos cumes, a mediocridade que mistura as coisas, faz a sua ética e a sua taboa de valores. Somente uma verdade mediocre, proxima da natureza animal, se pode aí afirmar rapidamente, porque é acessível. No vosso mundo,

se o triunfo parte do pressuposto da compreensibilidade, todo sucesso, para ser rápido, tem que conter afirmações mediocres. *O aplauso das multidões, quanto à extensão e à presteza, está na razão inversa do valor.* E' de lei, portanto, que o caminho do genio seja de solidão e de martírio e nenhuma recompensa humana existe para aquele que executa os maiores labores da vida. O cerebro da mediocridade tem as suas medidas e as impõe a todos; não aceita e condena tudo o que não possa apreender; nivela tudo; nega tudo o que exprima mudança evolutiva para a qual não esteja preparado, todo deslocamento de equilíbrios, que ele não tem o poder de estabilizar. Quando uma verdade nova não se encaixa no passado e não o continúa, quando não tem suas bases no conhecido e aceito, quando encerra uma percentagem de novidade que supere os limites do que ele tolera, o genio, então, é rechaçado pela razão de que a ascensão se processa por continuidade. Mas, no equilíbrio universal, a evolução lenta das massas é sempre fecundada por aquela centelha superior, que no momento proprio se acende na terra, sacode a inercia e se abaixa, para erguer-se de novo. Ha nas coisas um equilíbrio que cedo ou tarde impõe a compensação. Fôra inútil revelar-vos altas verdades, por demais afastadas de vós, porque ficariam perdidas no incompreensível. A compreensão não é obra de cultura ou raciocínio; é uma maturação que se alcança por evolução.

O genio, nessas suas funções fecundantes, é fenomeno de importância coletiva e o seu aparecimento, como a sua manifestação correspondem aos intimos equilíbrios que regem o progresso humano. Ha um processo normal de assimilação das grandes verdades, por parte das massas humanas. A concepção superior, em cada campo, seja de arte, de ciencia, de ética, ou de política, se é verdadeiramente grande, sempre permanece, a principio, solitaria, situada no incompreensível; emerge, todavia, da mediocridade que, por secreto instinto e vago pressentimento, que lhe dizem estar naquela forma de vida o futuro, olha e apura o ouvido; é atraída, escuta e desfere os seus ataques demolidores. Duplo fim têm estes: de um lado, provar a resistencia da verdade nova, porquanto unicamente o que tem valor não só resiste, como também se faz mais belo na luta para libertar-se do superfluo, condensando-se no que é substancial; de outro lado, pôr a alma coletiva, mediante a luta, em contacto com o novo e fazer que o assimile, dispondo-se assim a seguir os passos do genio, a lhe compreender as intuições.

O genio fica isolado nos seus vastissimos horizontes. Suas relações sociais são relações de esforço, não de compreensão, muitas vezes de perseguição. Dentro de si, porém, ele atingiu o escôpo e o sabe. Seu olhar penetra a intima causalidade fenomenica; o fracionamento da realidade, entre barreiras de espaço e de tempo, está superado na parada suprema do espirito, a repousar na visão glo-

bal do todo. Sublime arrebatamento onde não chega o tormentoso turbilhão das humanas ilusões, onde o repouso é absoluto, imenso o poder, onde a sensibilidade, multiplicando-se em a nova percepção animica, corre ampla ao encontro do infinito, onde completa é a alegria da alma que recebe o ósculo do divino, dado numa chama de amor. O centro da vida se desloca, a consciencia tem a visão da Lei, a sensação do seu operar, mergulha na sua corrente, respira a musica que emana das harmonias da criação e desse respiro se nutre. E' no genio que vemos o psiquismo atingir o vertice das suas manifestações. *Está realizada a conquista da verdade*, a consciencia se move em plena luz. Não mais pequenas verdades relativas e fragmentarias, incompletas e sem luta, mas uma verdade universal que, ultrapassando-as, admite e compreende todos os pontos de vista dos individuos, dos povos, dos tempos. A consciencia nada mais nega, porque conhece tudo. Não mais angulos obscuros, inexplorados, dentro e fóra de si, nem aquelas zonas de trevas em que se aninha o misterio. A Lei é toda ela evidente, luminosa se tornam até as causas ultimas.

Paralelamente, mais profunda *sensibilidade*. Tem ele os seus amores e os seus pudores e, quando sua alma se abre diante do infinito, quer estar só. E' sagrada a sua visão e se oculta aos olhos de estranhos, como diante de uma profanação. E ha, verdadeiramente, alguma coisa de sagrado nessa comunhão da alma com o divino. Somente ao pulsar de um grande amor o misterio se abre e desvenda; ele só responde a quem lhe sabe bater ás portas. Necessaria se faz, muitas vezes, uma coragem louca, uma vontade desesperada, o impulso frenetico de uma dor imensa, um arroubo de fé, que não mede as profundezas do abismo. Só então abaixam-se as pontes e os confins do concebível subitamente se dilatam. Sobre-tudo, uma sensibilidade apurada protege estes fenomenos de comunhão profunda, que se detem ante a violencia do ignaro, a quem as forças protetoras do misterio não permitem a destruição, senão das coisas exteriores, que ele pode perceber e nada mais. Riqueza da alma que não se rouba, nem usurpa, o genio é conquista individual fadigosamente merecida e só aquele que a alcançou pode dela gozar, porque é sua. Um feixe de sentidos novos, fundidos na sintese de uma percepção animica, lhe permite o gozo de belezas delicadissimas, hoje supersensorias. Uma *estetica mais profunda nasce*, que não a da forma, seja esta criação do homem, seja da natureza: a arte divina do bem, que realiza uma intima e mais alta beleza do espirito. Mais do que contemplação é atuação, em si, de uma perfeição superior e de uma harmonia universal, aquisição de valores imperecíveis, criação de um organismo espiritual de eterna formosura.

Nova capacidade de *penetração psíquica* revela sem sombras o misterio da alma. Desnudo, aparece o organismo espiritual de

cada sêr, tornando-se impossível a mentira. A par de uma concepção diversa da vida, um novo estado de animo para com as coisas, *uma harmonização completa, uma união com Deus*. O espirito repousa numa grande calma interior, a paz de quem conhece a meta. O superhomem é conciente de toda a sua personalidade, da genese de todo o seu instinto, cujos traços permanecem no eterno passado; sabe a sua historia, longa historia tecida de ferrea logica, em que nada morre, nenhum valor se perde nunca e, sobre esta base, antecipa o seu futuro, o prepara e quer. Daí a padronização de todas as forças do proprio Eu, um saber adextrar-se como dominador entre as impulsões da vida. Ele ha compreendido a dor, remontando ás fontes do mal, e não mais se agita em tormento de rebelião, de ira, de inveja; só é capaz de uma reação: a da reconstrução silenciosa e conciente e, por si só, sem o passar a outrem, assume todo o trabalho do proprio dever. Sabe que a dor conquista e o seu esforço de vida é fecundo em conquistas espirituais.

Então, vivendo em relação com os mais longínquos momentos do grande esquema do proprio progresso, o espirito supera o tempo e a dor, e a vida se desata, como um cantico de reconhecimento, na mais profunda musica da alma. *Harmonia interior* é a grande festa: a alegria de sentir-se sempre em relação e de acordo com o funcionamento organico do universo, de ser nele eterno e, embora pequenino, parte sua integrante, em ação. A consciencia de achar-se na posição que a lei quer para seu proprio bem, de mover-se sempre no seio da justiça divina; o cantar-lhe no coração a grata voz da concencia, voz que conforta e aprova; o viver nessa visão da logica e da bondade do todo, nessa luz de espirito como numa vivificante atmosfera propria; essa saciedade dalma e esse equilibrio moral são a mais intensa felicidade do superhomem.

Eis o paraíso, colocado no *ápice das ascensões humanas*; eis o maximo de perfeição e de felicidade que o que vos é concebível pode hoje conter. *Com isto, completa-se na terra o caminho da evolução individual*, para continuar-se depois, emigrando a novas dimensões. Constitue um bem indica-lo em todos os campos e incitar a tais ascensões. Fazendo-o, não realizámos inutilmente a nossa viagem. Será um impulso; alguns refletirão e apressarão o passo. Retomaremos mais adiante o estudo do fenomeno, *de um ponto de vista social*, para que as nossas conclusões, numa concepção mais vasta, ataquem e resolvam também os problemas da coletividade.

LXXXIV — Genio e nevrose.

Encerraremos a exposição da teoria do superhomem, observando como ele se manifestou na evolução biologica, sob a fórmula de genio. Procuraremos, depois, dar a compreender as afinidades

que, mediante conclusões erroneas, foram estabelecidas entre o seu tipo e a degeneração nevrotica, e definir, por fim, o fenomeno da degradação biologica, no processo genetico do psiquismo.

Enquanto que a mediocridade estacionaria pára, em perfeito equilibrio, na sua fase, contra aquele que tenta sendas novas se lançam todos os ataques das forças biologicas. O misoneismo, como garantia de estabilidade, é impulso de nivelamento e a vida experimenta de modo áspero as antecipações e as criações. Se o genio passa pela terra como um turbilhão, a massa lhe salta em cima, afim de arrasta-lo para baixo. No tipo comum, os instintos são proporcionados ás condições ambientes; ha uma correspondencia, já estabelecida antes que o individuo nasça, entre ele e a coletividade e essa correspondencia o espera, de maneira que ele ache já pronto o trabalho e a sua satisfação. A compreensão é automaticamente perfeita. O genio, ao contrario, monstruosa hipertrofia de psiquismo, colocado numa posição biologica supranormal, se encontra, em tudo e por tudo, extra-fase: é impossível estabelecer uma correspondencia entre o seu instinto, que normaliza o supranormal, e o ambiente, que exprime outra fase e oferece outros embates. A diferença de nivel produz uma desproporção; a compreensão não se forma, é insanável o desequilibrio entre a sua alma e o mundo, impossível a conciliação entre a sua natureza e a vida.

E o genio passa, solitario e dolorido, mas concio do proprio destino; incompreendido e gigantesco; nauseado dos idolos da multidão, aturdido com o estrepito da vida, desatento e inhabil, porque traz toda a sua alma á escuta de um cantico sem fim, que se lhe desprende do interior e sae ao encontro do infinito. Estranho sonhador, presa do tormento sagrado da criação, absorvido nos olhos fecundos em que amadurece o invisível trabalho intimo, ele padece de uma paixão a que responde, não o homem, mas o universo. Está-lhe proxima a imensidade do infinito e ele não vê a terra, que atrai todos os olhares e todas as paixões. Vive de lutas titanicas; pede á vida a realização do ideal, sem a possibilidade de aquiescer á mediocridade, aspirado como um turbilhão no afan da evolução. Conhece o desanimo de quem só se faz ver sobre o abismo dos grandes misterios, a vertigem das grandes altitudes, a amargurada solidão da alma em face da inconsciencia humana; conhece a luta atroz contra a animalidade recalcitrante, os imensos esforços e os perigos que aguardam aquele que quer desferir o vôo. Dizem os cegos: é louco. Ele se sente esmagado pelo inutil peso do numero, compreende a inferioridade de quem não o compreende. Também a ciencia, filha da mentalidade utilitaria da mediocridade, incompetente, mas ávida de julgar, sentencia: nevrose.

O genio, porém, não pode descer, ouve o seu Eu a bradar e não pode calar. Ele não é sómente, como os outros, um corpo: é, sobretudo, uma alma. O espirito, que em muitos se acha adormecido